

**Atenéia Feijó e Carlos
Humberto TDC
contam como o projeto
de Daniel Ludwig
está enfrentando
a nova realidade
da conjuntura**

Jari

Uma vitória na Amazônia

INSTALADO numa área superior a 1 milhão e meio de hectares, no lugar onde o Estado do Pará se confunde com o Território do Amapá, a Jari Florestal e Agropecuária Ltda. tornou-se internacionalmente conhecida como um dos projetos mais audaciosos da atualidade. O programa inicial previa o desenvolvimento integrado de um conjunto monumental de indústrias. A crise mundial, de um lado, e, de outro, a própria conjuntura brasileira impuseram reduções. De qualquer maneira, o projeto marca uma época. Vale a pena rever alguns capítulos de sua história fantástica.

SEGUE



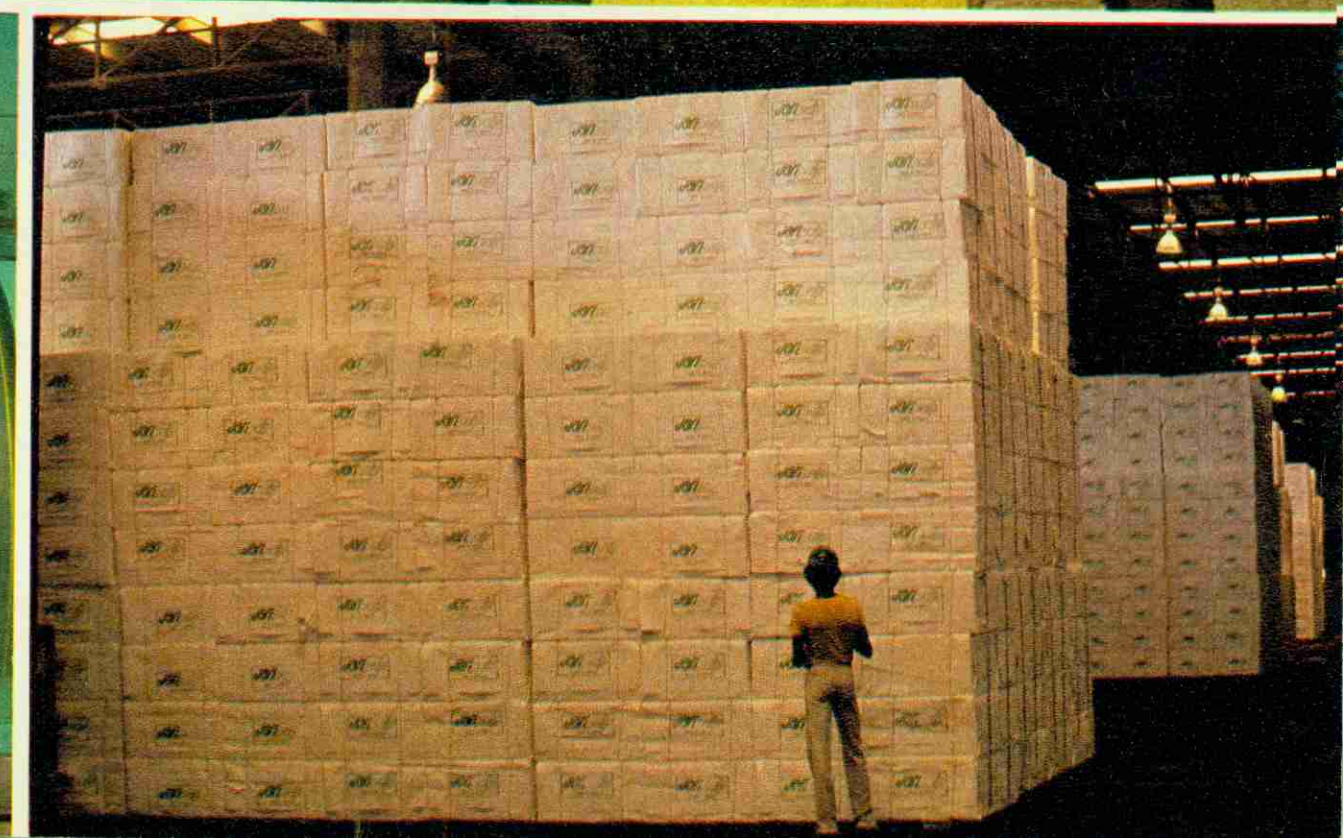
Vista de uma das lagoas de oxidação, a fábrica de celulose da Jari parece um delírio da floresta. Sua produção média diária corresponde a 750 toneladas. Acima, a sala de comando da indústria. A grande maioria das operações é inteiramente automatizada.

O processo de fabricação da celulose, as toras de madeira são descascadas e picadas, transformando-se em cavacos. Esses cavacos são peneirados — para a retirada de pó de serra e finos — e cozinhados numa espécie de panela de pressão com 207 metros cúbicos. Nesse instante, são adicionados água e produtos químicos (soda cáustica principalmente). Durante o cozimento, a 170 graus de temperatura, as fibras se separam entre si e dos componentes da madeira. Nesse momento já se tem a celulose, mas não branqueada. Para isso ela é lavada com água até eliminar os produtos dissolvidos. Depois é apurada através de um sistema centrífugo, passando ao processo de alvejamento químico. Tudo automatizado.

SEGUIE

Homens simples do Nordeste mantêm em funcionamento a sofisticada fábrica de celulose do Jari

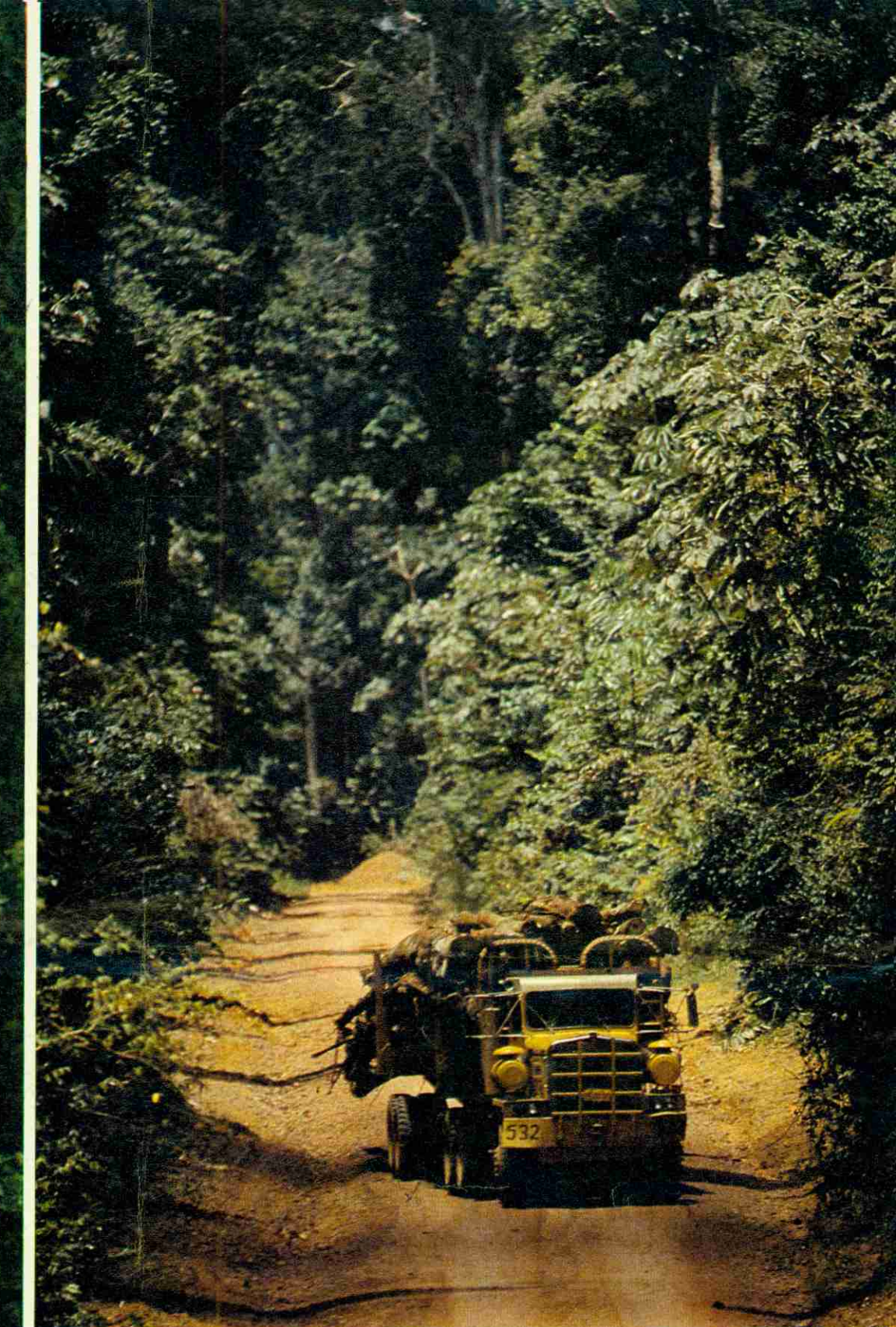
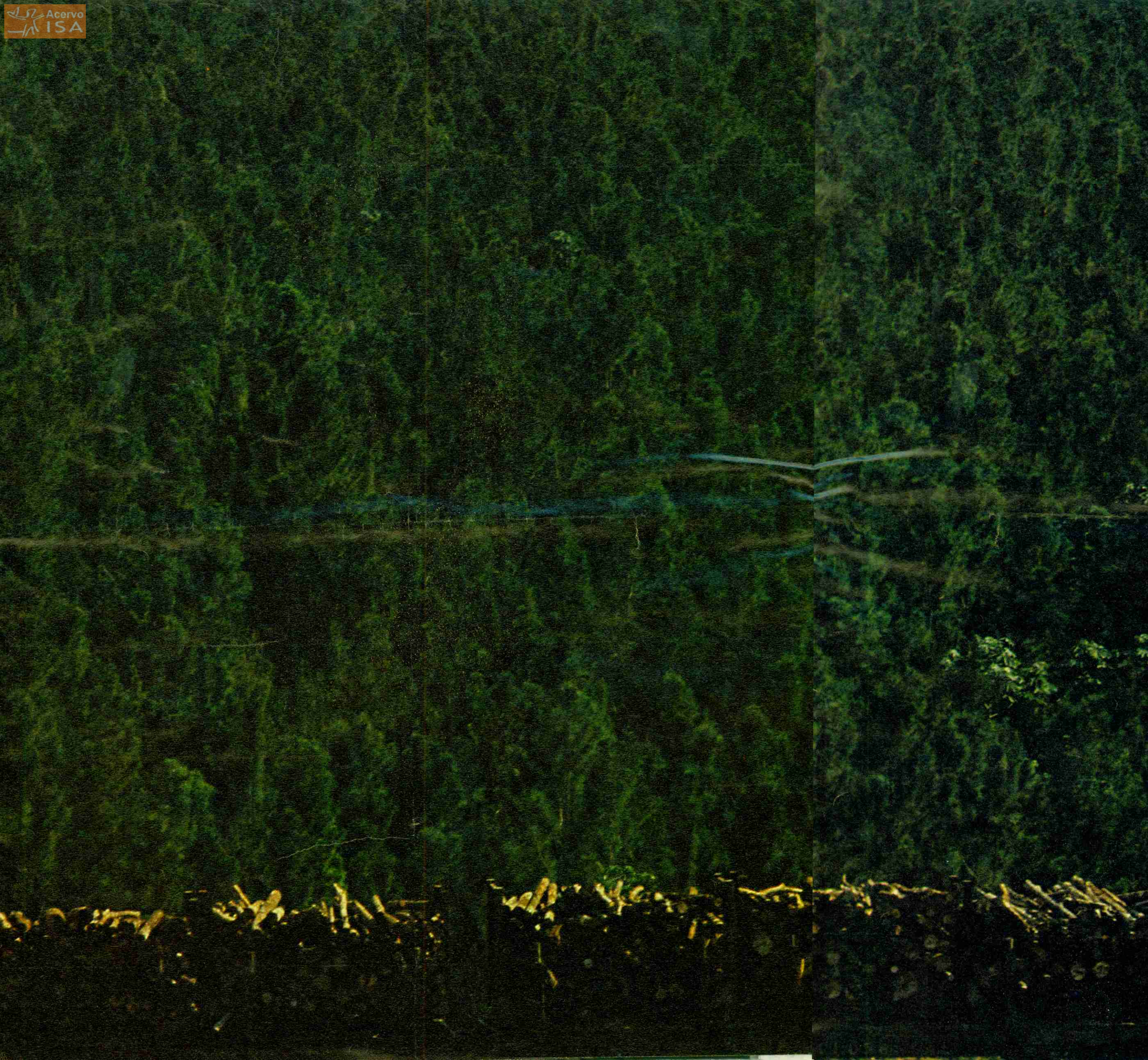
A fábrica trabalha quase sozinha, mas quem a alimenta são os peões nordestinos, derrubadores e plantadores da madeira. Depois de seca, a celulose é transformada em folhas, compactadas em fardos. Esses fardos formam pacotes de 1.600 quilos. Armazenados, estão prontos para ser exportados.





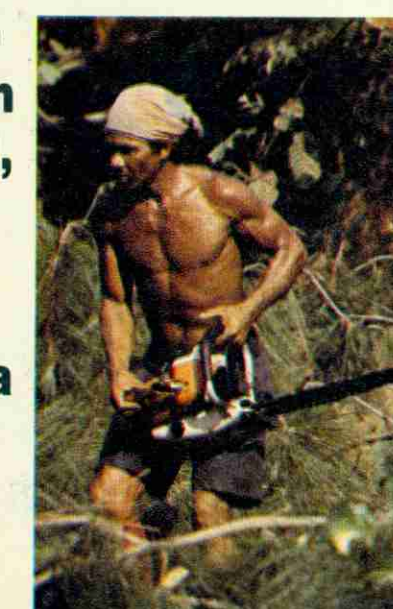
Esse angelim tem 200 anos. Ele vai ser derrubado em menos de 20 minutos. Os serradores fazem a barriga, para dar a direção do tombo. Começa, então, o corte de abate, deixando o filete de segurança no meio, para terem tempo de fugir do coice.

Dois milhões de toneladas de madeira são tombados por ano no Jari. Nem todos são para celulose



O trem carrega 800 toneladas de pinus e gmelina para se transformarem em celulose. O caminhão leva 60 toneladas de maçaranduba, bacuri e guarajá para a serraria fazer dormentes. Embaixo, o novo corte na Amazônia: o pinheiro.

Quebrando a paisagem tradicional, a novidade da floresta homogênea

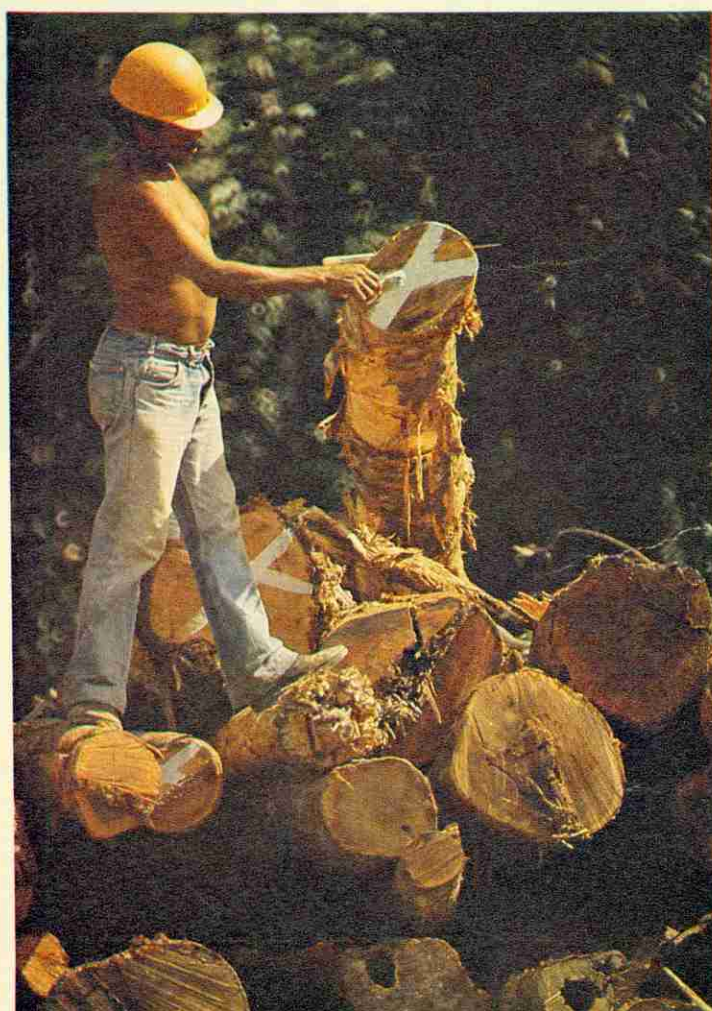


A PÓS a derrubada da selva nativa, já foram plantados no Jari — a partir de 1968 — 105 mil hectares de florestas homogêneas de gmelina e pinheiros. Como a gmelina não se desenvolveu bem no chão fraco da Amazônia, o Projeto Jari aderiu aos eucaliptos — que também crescem rápido. A gmelina ficará apenas onde os solos são mais argilosos e os pinheiros nos solos arenosos.



As toras das árvores nativas derrubadas nas matas do território do Amapá são transportadas em grandes caminhões, que atravessam de balsa o rio Jari.

Coletores de castanha se profissionalizaram como operadores de máquinas e em serviços especiais



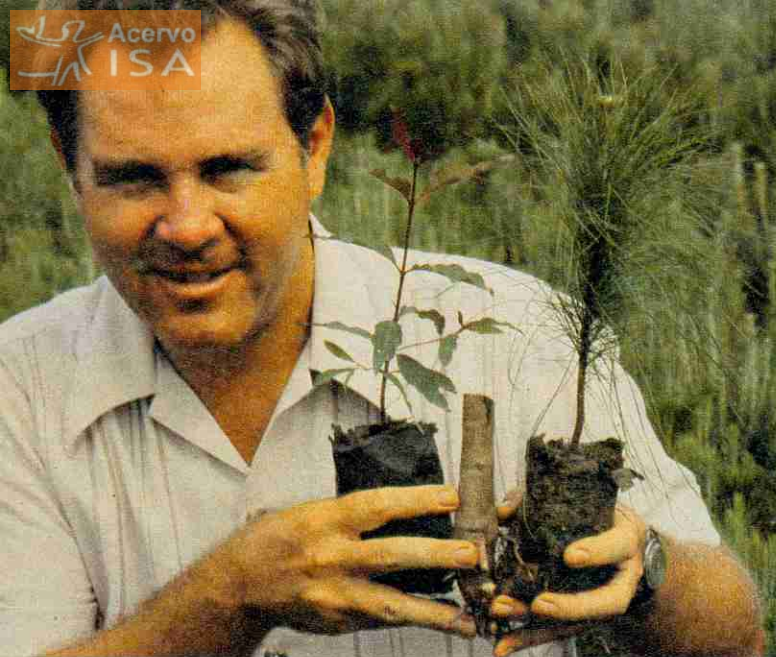
Vadeco já foi seringueiro e coletor de castanha. Agora é identificador de madeiras no Jari.

DEPOIS da derrubada das árvores nas matas nativas e florestas artificiais, as toras são carregadas por caminhões até os pátios de depósito. De lá, a madeira é levada de trem para o pátio da fábrica de celulose, usina de energia ou serraria. No Jari são necessários vários sistemas de extração, a fim de evitar danos no terreno — muito frágil — e a máxima eficiência de produção. O número de tipos de sistemas são baseados no tipo de madeira nativa ou cultivada, tamanho da árvore, finalidade, solo e época do ano. Para isso o projeto desenvolveu um centro de treinamento, transformando tradicionais peões nordestinos e coletores de castanha paraense em operadores de sofisticados tratores florestais.

SEGUE

Milhares de toneladas de toras de pinheiros estão depositadas no pátio de São Miguel. Serão transportadas para o pátio da fábrica de celulose, que consome 3.300 toneladas de madeira por dia.





No viveiro, eucaliptos destinados às áreas onde a gmelina fracassou. Woessner e as mudas: eucalipto, gmelina e pinus. O maranhense José plantará pinheiros.

Em solo fraco a gmelina não vingou. Pinus e eucalipto aprovaram

NESTE ano, as sementeiras do Jari já produziram 22 milhões de eucaliptos, oito milhões de pinus e 500 milhões de gmelinas. Ronald Woessner, diretor dos serviços técnicos, está há seis anos e meio no projeto. Ele é engenheiro florestal com Ph.D. em Melhoramentos das Árvores: "A árvore ideal tem tronco reto, galhos finos, copa bem-formada, bom crescimento e ausência de doenças." Mas sua maior luta é contra as saúvas amazônicas.

SEGUIE





O engenheiro florestal Marcos Franco mostra o tachi preto — uma das madeiras nativas catalogadas e aproveitáveis para a celulose.

Só para a celulose, já foram selecionadas 108 árvores amazônicas

NO centro de pesquisas florestais da Jari existe uma xiloteca com a coleção de 400 espécies de madeiras amazônicas, que deve ser a única no Brasil. Pois suas análises e

estudos são voltados para utilização industrial. Mesmo assim, o centro foi vítima da onça que devorou uns 20 pesquisadores. O bicho-papão são as demissões que vêm acontecendo desde que

a Jari entrou em fase de contenção de despesas. A cada baixa, a turma comentava: "A onça comeu fulano." Mas os programas que foram desativados podem ser herdados pelo IBDF.

SEGUE



Em São Raimundo, na várzea do rio Amazonas, o plantio de arroz mudou. Se para o sistema anterior eram precisos seis aviões e 42 colheitadeiras, para o atual bastam dois aviões e 20 máquinas. Com a continuidade do novo sistema se economiza combustível e se reduz 50% da mão-de-obra. O arroz plantado é pré-germinado.

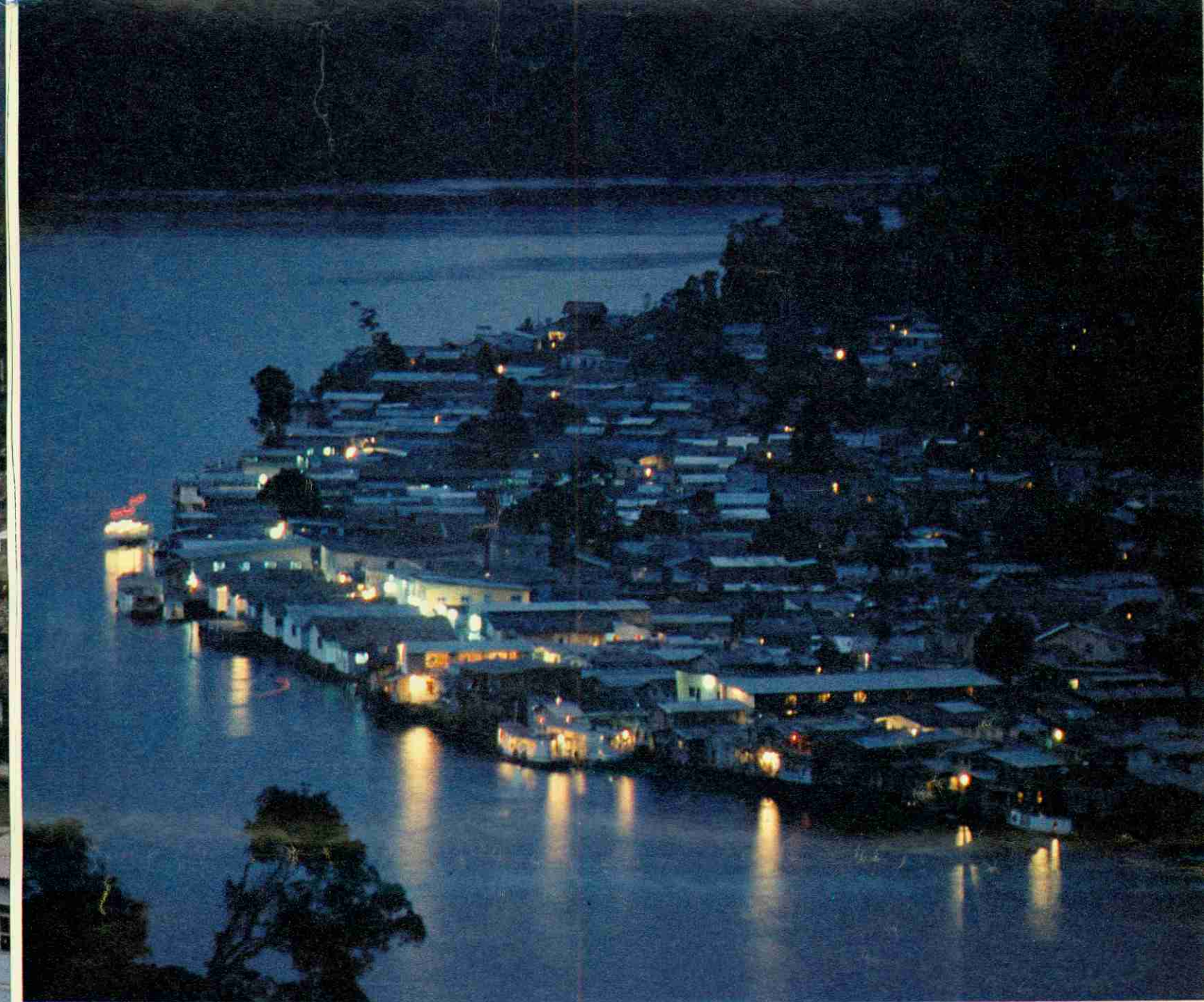
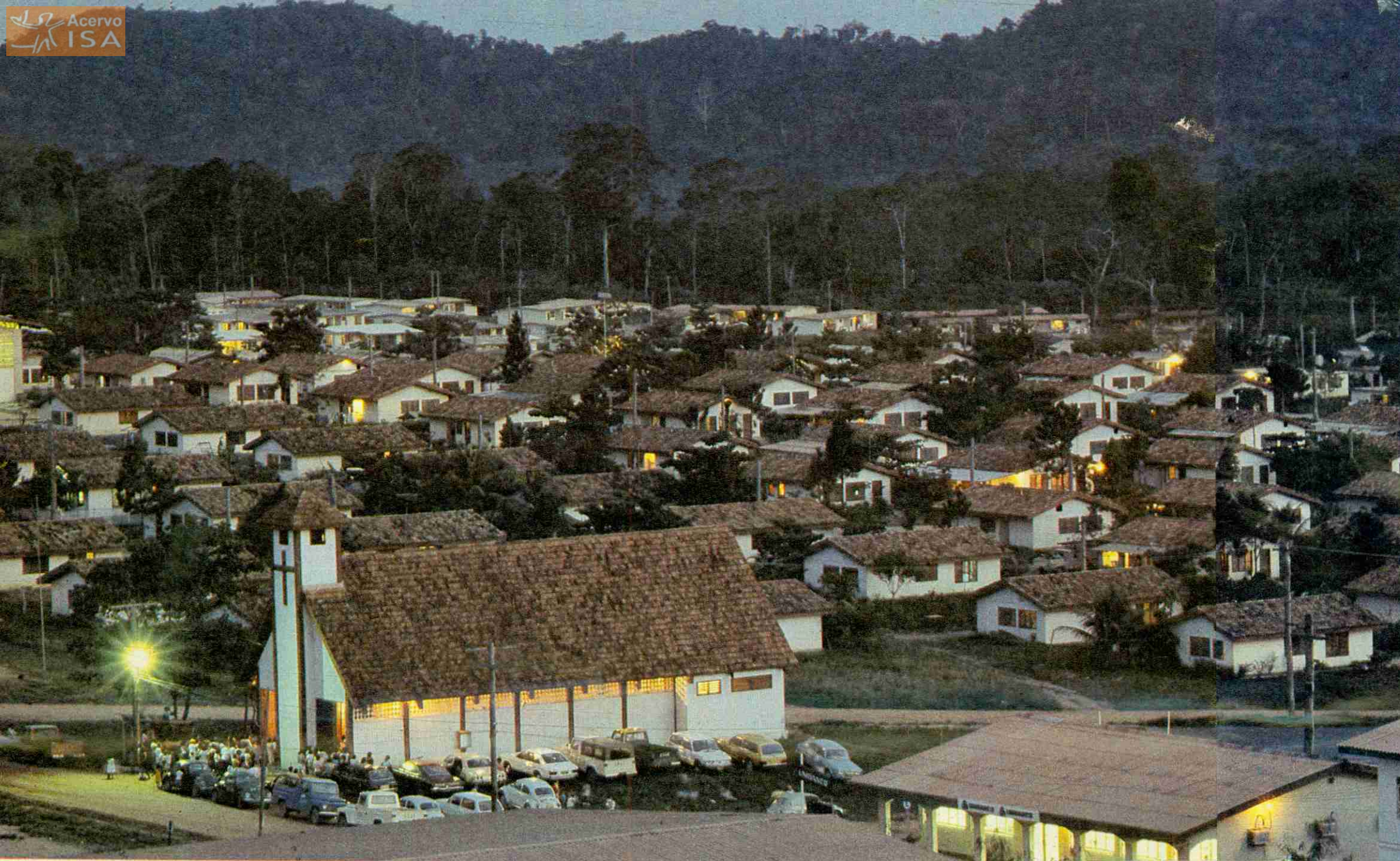
UM certo clima de mistério sempre rondou o Jari. Desta vez as histórias mirabolantes deram lugar a uma curiosidade mais objetiva: todos querem saber em que pé estão as relações de Ludwig com o Governo brasileiro e vice-versa. Ou melhor: o Jari fecha ou não fecha? São Raimundo já é uma resposta. Associado ao grupo Atlantic transformou-se numa empresa autônoma dentro do projeto. Seu arroz já está no mercado brasileiro. Mas, por uma questão de economia, não o plantarão mais para colher em duas vezes no ano. Agora o arroz está sendo plantado todo mês, para ser colhido todo mês — numa safra contínua e discutida. Mas que deverá dar lucro.

SEGUE

A rizicultura em São Raimundo é uma nova realidade do Projeto Jari

O plantio, a adubação e a inseticização se fazem de avião agrícola. São quatro mil hectares de arroz, plantado num solo impermeável (embora de várzea) e trabalhoso. O nivelamento desse solo exigiu o uso de raios laser para regulação das lâminas que plainam a terra.





Em Monte Dourado a igreja é ecumênica. Os casamentos são um motivo a mais para as reuniões sociais e um acréscimo nas opções de lazer. À noite o Beiradão é uma festa. Mas, de dia, o horário é das crianças.

O Beiradão e Monte Dourado já são parte da realidade amazônica

SEPARADOS apenas pelo rio Jari, a cidade de Monte Dourado e o Beiradão — povoado sobre palafitas — se integraram curiosamente no cotidiano do Projeto Jari. Os moradores de Monte Dourado fazem compras nas lojas e se divertem nas boates flutuantes. O povo das palafitas se emprega e recorre ao hospital da região. A diferença está no fato de que em Monte Dourado se pode beber água tratada, até da torneira. No Beiradão se bebe da mesma água em que se fazem as outras necessidades. Mas, nas duas, a vida é alegre e permanentemente em clima de aventura.

SEGUE



Os diretores do projeto não contavam com certos imprevistos e foram obrigados a adotar o regime de austeridade

Daniel Ludwig em Brasília com o presidente da holding do grupo, Francisco Andrade. Na foto inferior, Howard King, o diretor executivo do projeto. Aos 58 anos seu hobby preferido é cultivar o jardim de sua mansão.



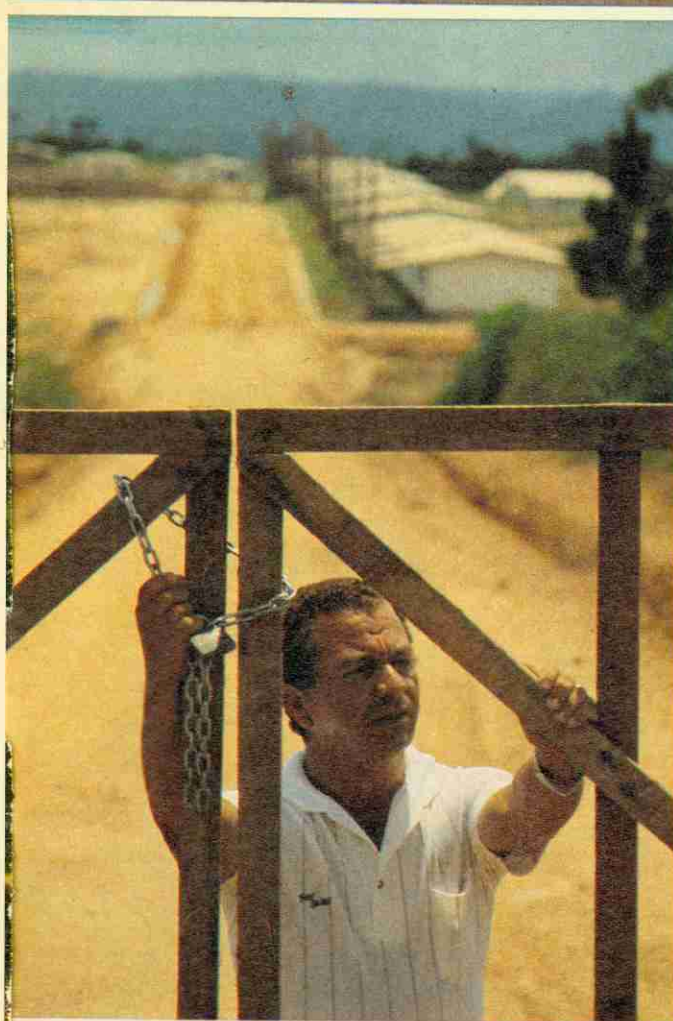
MANCHETE



de capital da região. E se por alguns anos esteve fechada, como propriedade privada, agora escancarou as portas. Qualquer turista pode passar uma temporada em Monte Dourado. No momento, é apenas uma questão de gosto. Existem táxis à vontade e um hotel que, além de oferecer uma panorâmica para o rio Jari, dispõe de 30 confortáveis apartamentos, com ar refrigerado e geladeira. Diária: Cr\$ 1.500,00. Com luz elétrica, esgoto, água encanada e coleta de lixo, a cidadezinha tem restaurante, banco, escola, supermercado, padaria, hospital e igreja ecumênica. As atrações, além da visita ao próprio projeto, podem ser passeios pelo rio, a cachoeira de Santo Antônio e o Beiradão. O último é um curioso povoado sobre palafitas, que já ganhou destaque internacional com a passagem de vários jornalistas estrangeiros.

Se Monte Dourado tem 10 mil habitantes, o Beiradão não faz por menos — tem outros tantos. E existe ainda a filial Beiradinho, defronte à fábrica de celulose, no porto de Munguba. Contrastantes, Monte Dourado e Beiradão se defrontam, separados apenas pelas águas jarilenses: o monte nos limites paraenses e o beirão no território do Amapá. Na fase pioneira do projeto, o povoado sobre palafitas também começava a se implantar. Seus primeiros atrativos foram a comida do Alarico, a canoa do Azul e a fama da Moto-Serra. Alarico servia tartarugas e jabutis. Azul é quem atravessava o pessoal — bastava piscar a lanterna na margem do rio. E a Moto-Serra era a caftina do Brega... Hoje o Beiradão tem duas mil casas — a maioria de comércio — e nenhuma infra-estrutura sanitária. Mas tem Polícia e Prefeitura. Entre os comentários locais, quem fala mais alto é o próprio prefeito, Valdemiro Alencarzinho: "Beiradão é apelido, o nome é Vila Laranjal, distrito do município de Marzagão. Nossa produção de borracha, balata e castanha ficou reduzida a 30%. Todo mundo quis ir para a Jari. Emprego é bom enquanto dura."

SUA bronca maior se refere à derrubada, segundo seus cálculos, de um milhão e 600 mil castanheiras, no Pará e Amapá, durante a implantação do projeto: — "É só entrar na nossa terra de Marzagão, ver quantas castanheiras tem por hectare e calcular as que foram derrubadas." Seu empenho atual está em criar colônias agrícolas para atender a dois mil colonos. "Os homens que nasceram e estão morrendo nessa região não têm um título de terra!" Ele é um dos que acredita, ferrenhamente, que o verdadeiro plano de Daniel Ludwig era criar uma possessão americana em plena Amazônia brasileira. "Para atravessar para o lado de lá ia precisar de passaporte." Mas o Ludwiguizinho do Beiradão — como já é conhecido Orlando Mendes Paes Barreto —, dono do loja que chegou a faturar Cr\$ 4 milhões por mês, no ano passado, não se importa com o enclave imaginário. Porque ali, tudo gira em função do projeto: as lojas de roupas, os prostíbulos, as boates, os retratistas, os protéticos, os ourives e as tracaiais (barcos-táxi). Inclusive os que vivem da coleta da castanha e do garimpo de ouro — seus compradores são os comerciantes. O ouro que tanto ouriçou as lendas em torno do Jari nunca foi segredo para a população nativa. Ao contrário, desde as primeiras décadas do século vem compondo o quadro de opções de sobrevivência de cada um.



Na silvivila de São Miguel (alto), o Domingo de Ramos é ocasião para mais uma festa comunitária. Deserta, a outra silvivila (Bananal) não foi inaugurada em consequência das contenções de despesas. Deodato Pereira seria seu administrador.

Atualmente, o garimpo mais próximo fica a três dias de viagem, sem chuva. É meio dia de carro até acima da cachoeira, dia e meio de barco e mais um dia a pé (48 quilômetros) dentro da mata, com os mantimentos nas costas. Garimpeiro velho diz que em qualquer lugar antigo, na Amazônia, tem ouro. Mas antes, ele lava a terra na bateia e joga azougue (mercúrio). Daí queima e aperta no pano. Nesse processo, o mercúrio evapora e o que ligar é ouro. Se valer a pena, começa a cavucar. Nos papos do Beiradão, a Serra Pelada já existia há muito tempo. Apenas o veio do ouro ainda não tinha sido descoberto. Um ex-funcionário da Jari, comprador na região, garante: "Aqui tem muita gente transando ouro se o veio fosse descoberto no projeto não haveria como escondê-lo. Os garimpeiros vão no faro, e ninguém os segura."

ENTRE as várias comitivas governamentais que inspecionaram o Jari havia sempre alguém que no final da visita dava o desfecho clássico: "E o ouro?" Uma das vezes a pergunta foi feita por um militar, já no aeroporto, diretamente a Daniel Ludwig — que também fazia suas inspeções. O empresário fez uma cara de espanto e caiu numa risada gostosa. Na verdade, o que brilha na Jari é a celulose Kraft, de fibra curta branqueada. Ano passado, foram exportadas 223 mil toneladas. Não houve lucro porque as despesas globais de investimento e infra-estrutura (com Monte Dourado e três silvivilas) superaram a receita. Os planos incluíam várias indústrias integradas, que sofreram um retrocesso diante da situação indefinida da legalização das terras do projeto. Com o temperamento brasileiro, o diretor florestal, Johan Zweede, sintetiza: "Esse projeto nunca foi pensado para ser apenas uma fábrica de celulose... O que aconteceu? Investimos para construir um caminho e fizemos um fusca!" Além de outra fábrica de celulose, haveria produção de papel, mais serrarias e a exploração de uma mina de bauxita refratária. A indústria de caulim em pleno funcionamento (18 mil t/mês) estaria sem problemas, não fosse a recessão no mercado mundial. Na várzea do rio Amazonas — até onde vão os limites da Jari — a rizicultura de São Raimundo (nascida de um plano de subsistência) ainda está perseguindo seu ponto de equilíbrio econômico. Com duas safras anuais, São Raimundo colheu 25.600 toneladas em 1980. Esse arroz foi vendido para os mercados de Manaus e Recife.

Mas nos seus domínios paraenses, a ordem do dia da Jari é arrochar os cintos, o máximo possível: centenas de carros já foram leiloados; seis aviões e um rebanho com sete mil bovinos serão vendidos; o hospital, que atendia e fazia cirurgias gratuitas em doentes até de Macapá e Santarém, não é mais aquele. Passou a cobrar de pessoas estranhas ao projeto. A boca livre acabou também nas escolas — de graça, apenas para os filhos dos funcionários da Jari. De acordo com os mais chegados à diretoria, a maré não está nem para os peixinhos. Os custos diretos para 1981, envolvendo despesas com hospitais, educação, restaurantes para os empregados, operação comunitária, água, eletricidade, manutenção de estradas, transportes e aviação foram calculados num total de Cr\$ 926 milhões. Com os salários de quatro mil e poucos empregados (a média salarial no Jari é de Cr\$ 25 mil), este total deverá chegar a Cr\$ 1.579.000.000,00.

O ex-diretor de relações governamentais, Carlos Frazão, garante que "o Jari está doido que o governo tome conta disso aqui. Os diretores sempre disseram: Nós não queremos administrar uma cidade, não queremos ser gestores públicos. Queremos produzir polpa de celulose e cuidar das outras atividades colaterais associadas". Coerentes com a sua filosofia, entregaram ao Frazão — através de arrendamento — a antiga casa de hóspedes para que a transformasse em hotel. Da mesma forma, agiram com o restaurante do clube staff de Monte Dourado, que passou para as mãos de Elisa, a esposa do hoteleiro. O casal Frazão se entusiasmou e investiu nos novos tempos: turismo no Jari. Já está até entrando em entendimentos com agências, em Belém, para programar grupos turísticos que queiram visitar o projeto.

Há quem ainda suspire baixinho: "Como era gostosa a nossa mordomia!" Os próprios moradores de Monte Dourado contam que no início havia a ronda de várias kombis para prestação de serviços. Por um código de bandeirinhas, a dona-de-casa fazia suas exigências: conserto de um aparelho eletrodoméstico, desentupimento de uma pia, refrigerantes, gás e condução. Havia vãos diários para Belém que levavam madames às compras (da moda) e ao cabeleireiro. Sem falar na fase das frutas, bebidas importadas e nos banhos com água mineral. Afinal, na fase pioneira tudo era válido para compensar a aventura. Com o passar dos anos, o bom senso da maioria criticava certos exageros. Era demais... Mas a atual realidade não diminuiu a alegria bem-comportada dos que ficaram.

ENTRETANTO, os casamentos continuam a se realizar, celebrados por frei Juvenal. Americano radicado há 24 anos como franciscano na Amazônia, o frei se mantém convicto na sua irreversência. Trata-se de um motoqueiro brincalhão, sempre de jeans, camiseta e lençinho no pescoço. Ele reza para o povo de cá e de lá, do Beiradão. Desespero confesso é o de alguns jovens médicos e engenheiros do projeto, em relação ao patrulhamento externo. São acusados por parentes, amigos e universitários radicais de traidores, adesistas, vendidos e outras coisas no gênero. — "Já cansamos de argumentar que isso aqui é um mercado de trabalho como outro qualquer. Para nós essas terras são brasileiras. Estamos participando da realidade nacional de uma forma atuante, testemunhando e até fiscalizando. O Brasil é capitalista, não adianta ficar dizendo besteiras do lado de fora, que só atrapalha." Quando a onça das demissões esturrou armando o bote, a médica Glória Colonnali Pereira não teve medo. Se deixou engolir tranquilamente pela bicha, que já tinha devorado seu marido, Paulo Roberto, na fábrica de celulose. Pais de um garotão nascido há três meses, o casal pretende ficar em Monte Dourado mesmo, como autônomos. Glória fazendo clínica particular e Roberto transando uma loja de fotografias. Tudo depende da Jari concordar em alugar a casa para eles. Se não der certo, tentarão partir para outro projeto: "Talvez Tucuruí..." Glória explica o fascínio destes grandes projetos. "Ele vicia. A vida é calma, pagam bem e se pode fazer medicina exclusiva. Para quem gosta, trata-se de uma chance para se dedicar à profissão. Na cidade grande, com a correria, a necessidade de vários empregos, não sobra quase tempo para o doente. Numa cidade pequena, onde não haja o apoio de um bom hospital, também é arriscado."

SEGUE



Frei Juvenal, imagem da Igreja moderna (esq.), Basílio, o maior comerciante de Monte Dourado, e Robin McGlohn, que levou Ludwig para a área.

Os amigos de Ludwig consideram que o projeto produz empregos e comida para muita gente

NO centro de pesquisas florestais o clima é de tristeza: — das 50 pessoas que lá trabalhavam, sobraram 13. Nesse centro se testam novas espécies, inclusive nativas, capazes de utilização industrial. Estuda-se o comportamento do solo desde a retirada de floresta nativa à rotação da floresta artificial, para detectar os primeiros sinais de degradação. Faziam-se ensaios genéticos, de seleção de espécies e competição — um programa que já foi cortado e oferecido a Mauro Reis, diretor do IBDF. O engenheiro florestal Marcos Franco — 30 anos, casado e pai de três filhos nascidos no Jari — confessa que tinha vontade de pegar muita gente, pelo braço, para mostrar as pesquisas que são

realizadas para a Amazônia. Uma xiloteca (coleção de amostras de madeiras) testada e catalogada por computador permite que se tenha, num instante, todas as informações sobre uma madeira: cor, dureza, peso específico etc. Nesse trabalho foram selecionadas 108 espécies nativas para celulose e 285 para aplicação comercial (movelaria, dormentes, carpintaria). Acompanha também um herbário, organizado com carinho por Nilo Tomás da Silva, conhecedor de 80% das árvores existentes na região. Velho amazonense de guerra, ele quase sussurra: “Conheço as árvores da floresta como conheço as pessoas.” Conhecedor de pessoas e de outras terras,

Howard King, o atual diretor-executivo da Jari, tem como entretenimento favorito os cuidados de seu próprio jardim. Aos 58 anos, há um ano e meio no Brasil, ainda não fala português. Mas não estranha o calor da região. Afinal ele veio do Irã, onde trabalhava num projeto governamental, que envolvia a exploração de mina de cobre. Com o sono ainda tranquilo, embalado ao som dos forrós do Beiradão — sua bela casa de madeira fica à beira do rio, defronte ao povoado de palafitas —, King conversa cautelosamente sobre a situação do projeto Jari.

“Nosso problema principal é reduzir os custos. A inflação, os gastos excessivos de operação e infra-estrutura, aliados ao baixo preço da celulose no mercado mundial, nos prejudicaram bastante. Num projeto pioneiro como esse, fora do comum, era muito difícil prever e contornar esse acúmulo de despesas. Daniel Ludwig já investiu 850 milhões de dólares aqui, e ainda não houve retorno. Estamos preocupados agora em implantar um programa para usar somente os recursos de produção. Temos que direcionar a campanha nesse sentido. Por isso o projeto não será expandido até que a situação mude. Se nós soubéssemos, um ano atrás, que as coisas chegariam a esse ponto, não teríamos construído mais ferrovias (para a bauxita refratária), nem desmatado áreas para novas plantações. O problema da legalização das terras também ainda não foi resolvido... As mudanças na situação do Brasil, em geral, afetaram o projeto. Não é uma crítica, é um fato econômico”.

MAS a ferrovia que já está construída vai continuar sendo usada, transportando madeira para a fábrica de celulose. E as áreas desmatadas vão ser replantadas, de acordo com a lei, com eucaliptos. Essa plantação mais tarde poderá preencher futuras necessidades da fábrica. “Se Ludwig morrer? Continuará sem ele. Henry Ford morreu muitos anos atrás e tudo continua. A semente já foi colocada, agora ela cresce sozinha.”

Robin McGlohn, ex-piloto americano, naturalizado brasileiro e radicado há muitos anos na Amazônia como proprietário de madeireiras, não abandona o hábito de visitar o Jari. Existe um motivo muito especial para isso: foi ele quem achou as terras para seu amigo Ludwig realizar um velho sonho — “plantar papel e comida para ajudar o mundo”. Robin McGlohn considera Ludwig um idealista. “Se fosse só para ganhar, sem risco, ficava em Nova Iorque, emprestando dinheiro a juros altos.” O velho amigo do excêntrico milionário americano defende a seguinte teoria: “Nós não podemos ser nacionalistas. Deixa entrar o dinheiro estrangeiro. Esse foi o sucesso dos Estados Unidos. Prova disso também é São Paulo e o Sul do Brasil. Precisamos de mais sangue. O que temos a perder? Se um dia eu me aborrecer com o Brasil, vou botar o terreno nas costas e ir embora? Vão ficar as terras e o meu dinheiro aqui!”

Ronald Reagan e sua mulher Nancy são amigos de Daniel Ludwig desde as primeiras campanhas eleitorais.



Gente

Maggie promete continuar Além da Razão

□ Seu primeiro livro, *Além da Razão*, parece ter sido insuficiente. Por isso, Margaret Trudeau, ex-mulher do premier canadense Pierre Trudeau, está prometendo a Deus e ao mundo que continuará contando tudo o que sabe e ouviu entre Nova Iorque, Hollywood e Las Vegas. Lembram todos de boa memória — Ryan O'Neal entre eles — que Margaret viajou intensamente nesta e em outras rotas da badalação. Não houve discoteca que ela deixasse virgem ou, segundo afirma Marilyn Beck, "macho man que ela não tivesse deixado louco". Basta saber, agora, se Maggie contará melhor...



AP

O Casamento do Ano: a gozação começou.

□ Aconteceu na TV. Embora afastado do cinema há algum tempo, **Bob Hope** continua fazendo das suas nos vídeos americanos, como aconteceu recentemente no *Bob Hope's Spring Fling of Glamour and Comedy*. Ele, ex-companheiro de Bing Crosby e Dorothy Lamour, ganha agora a ex-ninfeta **Brooke Shields**. A situação

era a seguinte: Shields revivendo Lady Di; Hope, seu pai. As vésperas do casamento com o Príncipe Charles, Brooke pede a Bob que a aconselhe como deveria se comportar. Naturalmente, foi a primeira grande gozação que o já rotulado Casamento do Ano recebeu até agora. Em cadeia nacional



Georges Pierre Sygna

COMPOSITOR E ARTISTA ■

"Desde criança", explica **Paul McCartney**, "eu me divertia desenhando em qualquer pedaço de papel que estivesse por perto". E a felicidade suprema era quando "me pediam para escolher as canções favoritas que eu compusera e fazer alguns desenhos que as acompanhassem". Nos últimos dias, o ex-Beatle está pulando de alegria com o lançamento do livro *Paul McCartney-Composer/Artist*. Neste mercado, uma curiosidade: em 80, George Harrison lançou um volume de reminiscências com o eloquente título (*I Me Mine*) e preço (354 dólares). McCartney só está cobrando cerca de 13 dólares pelo seu.



Emilio Lari/Forum Press

DESCOBRINDO EM DUPLA ■

Aos 67 anos, o diretor italiano **Alberto Lattuada** tem a seu crédito descobertas como as de Catherine Spaak, Teresa Ann Savoy e a Nastassia Kinsky de *Tess*. Agora, em seu filme mais recente, *La Cicala*, o veterano Lattuada resolveu atacar logo em dupla, colocando em

cena **Clio Goldsmith** e **Barbara de Rossi**. Quando não chega exatamente a descobrir, caso de Clio, contraparente dos Rothschilds, ele pelo menos dá um grande impulso à carreira. Quanto a Barbara, não há dúvidas de que a *signorina* Rossi poderá transformar-se numa nova Nastassia. Só falta um Polansky.